

Fernando Henrique criticou duramente, nas Nações Unidas, a atitude das nações industrializadas que se comprometeram, há cinco anos, no Rio, a financiar projetos e iniciativas de melhoria de qualidade de vida dos países em desenvolvimento e ficaram no discurso. Não satisfeitos, insistem em usar o meio ambiente como pretexto para práticas protecionistas e desculpa para barrar as exportações do Sul.

É a vigilância sanitária americana, por exemplo, descobrindo a conveniente contaminação de laranjas brasileiras por uma mosca inexistente. Ou as autoridades oficiais bloqueando a importação de camarões porque barcos de pesca brasileiros não teriam um dispositivo que impede a captura de tartarugas marítimas.

Sabe-se que países tecnologicamente avançados são muito exigentes quanto à abertura dos setores que lhes interessam — como os serviços e as telecomunicações. Mas, na hora dos têxteis, frangos, cereais, calçados, suco de laranja ou aço plano dos países em desenvolvimento, nenhuma desculpa é suficientemente esfarrapada para ser descartada.

Por trás desses pesos e medidas diferentes, há o absurdo receio de que a competição do Terceiro Mundo, onde alguns países combinam alta produtividade e baixos salários, ameaça o padrão de vida do Primeiro Mundo.

Embora esteja provado que a importação, pelos Estados Unidos, de produtos de países de baixos salários tem efeitos reais desprezíveis nas estatísticas americanas (ao contrário do que ocorre em relação ao rico Japão), muitos economistas e publicistas continuam batendo na tecla do temor do Terceiro Mundo.

Paul Krugman, professor de economia de Stanford, mostrou em *Internacionalis-*

*mo pop* que a ameaça do Terceiro Mundo não passa de superstição conveniente. Quando a produção mundial se eleva, os padrões mundiais médios sobem, ou seja, o aumento de produtividade do Terceiro Mundo se reflete no aumento dos salários do Terceiro Mundo, não na queda da renda do Primeiro Mundo.

Resulta daí que aumentam os preços das exportações dos produtos do Sul para os países desenvolvidos. Krugman diz: “Os Estados Unidos podem se ver ameaçados quando a Coréia se torna melhor na produção de automóveis não por perderem o mercado de automóveis, mas porque os salários aumentados dos sul-coreanos fazem os consumidores americanos pagarem mais pelos pijamas e brinquedos que já estavam comprando da Coréia do Sul.”

Todas as tentativas de racionalizar esses receios infundados com exigências de ordem ecológica ou trabalhista, como a “cláusula social”, que fixa padrões internacionais de salários e condições de trabalho para dificultar a utilização da vantagem comparativa da mão-de-obra abundante pelo Terceiro Mundo, não passam de protecionismo disfarçado de ambientalismo ou de preocupação humanitária.

A bizarra idéia de que o Terceiro Mundo seria responsável pelos problemas do Primeiro Mundo inverte paradoxalmente a equação marxista-leninista clássica e pode ter gravíssimas conseqüências na economia mundial deste fim de século. Pode torpedear o início do desenvolvimento econômico generalizado e de elevação do padrão de vida para milhões de seres humanos.

Ao contrário da geopolítica da guerra fria, a geoeconomia do mundo pós-Muro de Berlim não é jogo de soma zero. O crescimento econômico do Terceiro Mundo é uma oportunidade, não uma ameaça. Fernando Henrique disse isso nas Nações Unidas.